

MICHAEL W. GOHEEN

# A IGREJA MISSIONAL NA BÍBLIA

Luz para as nações



  
VIDA NOVA

*A igreja missional na Bíblia* chama os leitores a uma abordagem missional criativa e renovada, e o faz com maestria. Michael Goheen rastreia o tema missional ao longo das Escrituras, capacitando-nos a enxergar que sua visão na verdade não é nova, mas a redescoberta da robusta eclesiologia missional que sempre caracterizou o povo de Deus no que tem de melhor. Goheen nos conduz a uma visão ampliada do que significa ser o povo chamado e escatológico de Deus que encarna a nova criação. Se você anseia por entender o que realmente significa ser uma igreja missional, não como um simples slogan mas como a nossa mais profunda identidade, então este livro é o guia rodoviário indispensável de que você precisa. Recomendo entusiasticamente!

**Timothy C. Tennent**, Asbury Theological Seminary

Um livro que sobressai à massa e merece exame meticuloso, *A igreja missional na Bíblia: luz para as nações* é um texto básico muito necessário e bem elaborado para o estudo bíblico da igreja missional. Fundamentado em criteriosa leitura e interpretação de um espectro impressionantemente amplo de estudiosos bíblicos, o livro de Michael Goheen se engaja no diálogo com vozes acadêmicas que merecem interação séria, expõe os principais temas da teologia bíblica da igreja missional e oferece uma abordagem integrada que estimula a continuação da investigação. Certamente vai tornar-se “gênero de primeira necessidade” nos conteúdos programáticos de faculdades e seminários que tratam da igreja e de sua missão. Pastores, igrejas e agências missionárias encontrarão neste livro orientação bíblica para a missão realizada de forma fi el num tempo de mudanças rápidas e desafiadoras.

**Darrell L. Guder**, Princeton Theological Seminary

Michael Goheen investiga com muita habilidade a coesão e os desdobramentos da grande história do povo de Deus na Bíblia, mostrando que em cada etapa o povo de Deus existe em favor da missão de Deus para todos os povos do mundo. Aqui está a profundidade bíblica necessária para a reflexão contemporânea da igreja sobre a sua identidade missional e sobre como colocá-la em prática.

**Richard Bauckham**, Universidade de St. Andrews, Scotland;  
Ridley Hall, Cambridge

Ancorado em toda a narrativa bíblica, este livro é uma apresentação de grande impacto dos elementos necessários para que uma igreja missional do século 21 seja “Luz para as nações”. Persuasivo e convincente.

**Gerald H. Anderson**, Overseas Ministries  
Study Center, New Haven, CT

# Sumário

Apresentação.....	9
Prefácio .....	11
1 A identidade e o papel da igreja: História de quem? Quais imagens? .....	17
2 Deus forma Israel como um povo missional .....	41
3 Israel encarna seu papel e identidade missionais entre as nações.....	71
4 Jesus reúne um povo escatológico para que este assuma seu chamado missional.....	99
5 A morte e a ressurreição de Jesus e a identidade missional da igreja .....	129
6 A igreja missional na história do Novo Testamento .....	151
7 Imagens da igreja missional no Novo Testamento .....	189
8 A igreja missional na história bíblica — Um resumo .....	229
9 Como seria uma igreja missional hoje?.....	239
Para leitura adicional.....	271
Índice remissivo .....	273

# Apresentação

Creio que este livro está chegando a suas mãos num momento tremendamente oportuno. Sem sombra de dúvida, o conteúdo nele apresentado por Michael Goheen vem ao encontro de necessidades emergentes de pastores e líderes no contexto brasileiro atual. O momento da igreja evangélica brasileira é caracterizado por intensa confusão e polarização de ideias e práticas.

Enquanto algumas igrejas que se afirmam detentoras de uma teologia saudável e consistente decrescem, outras, tidas como propagadoras de uma teologia disfuncional e enferma, proliferam. Nas primeiras, temos teólogos com atitude fortemente crítica e sem compromisso algum com a missão. Nas últimas, temos discursos sem profundidade teológica, forjados por uma cultura pragmática e oportunista.

Em meio a essa polarização, encontramos uma grande quantidade de pastores e líderes confusos. Seus olhos contemplam uma igreja local visivelmente enfraquecida e sem motivação, enquanto seus ouvidos escutam, de um lado, a crítica de alguns acadêmicos para toda e qualquer possibilidade de uma igreja viva e dinâmica, e do outro, o pragmatismo daqueles que insistem em vender pacotes para o crescimento instantâneo da igreja.

Paralelamente a essa confusão, temos assistido ao surgimento de pastores e líderes que se autodenominam “missionais”. Alguns deles têm vínculos com denominações históricas, outros pertencem a movimentos independentes. No entanto, todos dizem defender a conciliação entre uma teologia saudável e consistente e um engajamento claro e constante na missão de Deus no mundo atual.

No entanto, esse surgimento de pastores e líderes que se afirmam missionais gera certa desconfiança e preocupação na medida em que nem sempre vem acompanhado de consistência teológica. Tem-se a impressão de que a conexão de alguns com o termo “missional” se dá muito mais por modismo do que por convicção. Especialmente entre alguns pastores e líderes mais jovens, tem se tornado “pop” dizer-se missional, mesmo sem saber exatamente o que isso significa e quais são suas implicações.

Por isso tudo, reafirmo que este livro chega a suas mãos num momento muito oportuno. Em primeiro lugar, porque ele atende à necessidade de pastores e líderes que desejam ver suas igrejas vivendo um dinamismo missionário no contexto em que se encontram. E isso não como fruto de pacotes ou metodologias pragmáticas, mas fruto da redescoberta do caráter missional do povo de Deus na história.

Em segundo lugar, porque Michael Goheen oferece a base bíblico-teológica para a compreensão, com profundidade e relevância, dessa redescoberta do caráter missional do povo de Deus e de suas implicações para a comunidade local. Trata-se de uma contribuição fundamental para todo aquele que deseja repensar a igreja, não em decorrência de modismos, mas com consistência e fundamentação séria.

Assim, tenho convicção de que este texto de Michael Goheen se transformará num importante marco para aqueles que, no contexto brasileiro, sonham e lutam por uma igreja intensamente comprometida com a missão de Deus, influenciando e transformando a realidade na qual se encontra; uma igreja que concilia teologia saudável e consistente com a disposição de caminhar na direção de homens e mulheres que precisam do amor de Deus oferecido no Evangelho.

Ricardo Agreste

*Diretor do Centro de Treinamento  
para Plantadores de Igrejas (CTPI)*

# Prefácio

Meu principal interesse neste livro é analisar a identidade missional da igreja seguindo as pegadas do seu papel na história bíblica. Nas últimas duas décadas surgiu uma quantidade excessiva de livros sobre a eclesiologia missional. Esses livros variam em qualidade, mas mesmo os melhores carecem de sustentação bíblico-teológica e trabalho exegético. Além disso, quando os autores fazem incursões nas Escrituras, o Antigo Testamento tem sido conspicuamente negligenciado. Escrevi este livro para preencher essa lacuna.

Meu público principal são alunos de teologia, como também pastores e líderes na igreja. No entanto, este livro não é dirigido ao pastor pragmático e impaciente que busca estratégias para soluções rápidas e fáceis. É um trabalho bíblico e teológico-narrativo, que se debate com a nossa identidade bíblica e nosso papel bíblico no contexto histórico original. Não é um livro técnico, mas exigirá mais do que um leitor em busca de respostas rápidas está disposto a investir. Minha expectativa é que, por um lado, os estudiosos considerem seu conteúdo suficiente para desafiar-los a uma reflexão mais profunda e que, por outro, o leigo sério possa tirar proveito da leitura deste livro.

O leitor tem o direito de conhecer os antecedentes que deram origem a este livro. Ao menos cinco fatores de minha experiência dão forma a esta obra. O primeiro é minha tese de doutorado sobre a eclesiologia missionária de Lesslie Newbigin.<sup>1</sup> Passei quase uma década tentando me colocar na pele de Newbigin para compreender a sua visão da igreja. Meu entendimento da igreja missional se deve em grande medida a ele, o que ficará bem claro no último capítulo quando discuto as implicações contemporâneas.

O segundo fator preponderante são os vários seminários de doutorado de duração de um ano sobre eclesiologia bíblica, histórica e ecumênica que cursei com George Vandervelde há mais de vinte anos. Ler o que estudiosos bíblicos e teólogos

---

<sup>1</sup> Publicada como *"As the Father Has Sent Me, I Am Sending You": J. E. Lesslie Newbigin's Missionary Ecclesiology* (Zoetermeer, Netherlands: Boekencentrum, 2000). Uma versão eletrônica desse livro pode ser encontrada em <http://igitur-archive.library.uu.nl/dissertations/1947080/inhoud.htm>.

têm dito ao longo da história da igreja — bem como pensadores ecumênicos atuais —, além do amor contagiante de George pela igreja e sua mente teológica aguçada, despertaram em mim um amor renovado pela eclesiologia, o que se tornou inestimável para alicerçar minha reflexão continuada sobre a igreja.

Uma terceira influência importante neste livro é a minha experiência pastoral passada e presente. Passei os primeiros sete anos de minha vida profissional após o mestrado em teologia como plantador de igreja e também como pastor. Embora a minha remuneração principal não venha mais da igreja local (há quase duas décadas recebo de uma instituição acadêmica), nunca fui capaz de abandonar o ministério da Palavra. Quando estava concluindo minha tese sobre Newbigin, fui convidado a assumir uma função de meio período como ministro de pregação em uma igreja urbana em Hamilton, Ontário, que enfrentava dificuldades e estava encolhendo. O que me estimulou a aceitar o convite foram estas questões: Embora igreja missional soe bem na teologia, na classe e na sala de estudos, será que funcionaria na congregação urbana? E mais especificamente, funcionaria em uma congregação antiga e estabelecida, constituída em outra época? Certa vez ouvi Jürgen Moltmann dizer em tom jocosos, em uma reunião com poucos participantes sobre a igreja missional em Paris, algo como: “Todos nós sabemos o que é igreja missional. Porém, a verdadeira questão é o que fazemos com todas essas outras instituições estabelecidas chamadas ‘igreja?’” De fato, seria possível uma igreja institucional antiga assumir uma coloração missional? Trabalhei com dois colegas e vimos uma transformação e um crescimento extraordinários à medida que o Espírito trabalhava nessa congregação urbana estabelecida, que gradualmente adquiriu uma identidade missional. Quando a deixei depois de seis anos para assumir outro posto acadêmico no outro lado do país, em British Columbia, pensei que meu serviço eclesiástico formal tivesse chegado ao fim. Mas não foi assim. Agora trabalho como ministro de pregação de tempo parcial em uma igreja na região metropolitana de Vancouver.

Essa experiência pastoral e o trabalho na companhia de talentosos líderes missionais, e tudo isso em meio a congregações comprometidas nas quais o evangelho está vivo, refinaram significativamente a minha compreensão teológica da igreja missional. Portanto, apesar de grande parte do que se segue ser uma tentativa de oferecer sólidas vigas mestras bíblico-teológicas para o conceito de igreja missional, este material foi moldado pela pregação e pela experiência pastoral concreta em tentar colocar esse conceito em prática. O âmbito da igreja local nunca está longe de meu trabalho exegético e teológico.

Um quarto fator que ajudou a moldar este livro foi a oportunidade que tive de lecionar este material a alunos de graduação e mestrado ao longo de



algumas décadas. Durante a maior parte de minha carreira acadêmica, lecionei nas menores faculdades cristãs, naquelas que requerem o ensino de um espectro consideravelmente amplo. Lecionar muitos assuntos sobre missão me ajudou a refinar diversos aspectos da eclesiologia. Mas o meu ensino também se estendeu à teologia bíblica e à cosmovisão. Dar aulas sobre teologia bíblica aprofundou meu compromisso com missão à medida que reconheci a centralidade de uma hermenêutica missional para a história bíblica.<sup>2</sup> Lecionar cosmovisão me capacitou a lidar com questões de como relacionar o evangelho com a cultura e de como entender a missão da igreja na vida pública. Também tive oportunidades de lecionar este material a mestrandos e continuo fazendo-o no Regent College, Vancouver. O material deste livro foi moldado por essas disciplinas lecionadas e pelos trabalhos escritos e pesquisas desenvolvidos, bem como pelo privilégio de lecionar a centenas, se não milhares, de excelentes alunos nestas escolas: Dordt College, Redeemer University College, Trinity Western University, Calvin Theological Seminary, McMaster Divinity School, Wheaton College e Regent College.

A influência final sobre este livro a ser mencionada é a oportunidade que tive de apresentar materiais acerca da igreja missional a pastores de muitas tradições confessionais diferentes e em muitos lugares diferentes ao redor do mundo. Pastores com frequência ficam justificadamente impacientes com uma teologia da torre de marfim. No entanto, às vezes, líderes de igreja são práticos *demais* e se impacientam depressa *demais* com a necessária reflexão teológica. Todavia, as conversas e os diálogos que tive com pastores a respeito deste material me ajudaram a evitar desenvolver uma teologia sem os pés no chão. Incluí muitas boas constatações desses líderes ao longo desse processo.

Fica evidente, deste modo, que escrevi este livro como missiólogo e pastor. Não sou antes de tudo um especialista da Bíblia, e tampouco meu público principal é de especialistas da Bíblia. Embora este livro se ocupe com o mundo da erudição bíblica, não abordei muitas das questões cruciais subjacentes ao texto. Apoiei-me nas conclusões exegéticas de muitos excelentes estudiosos das Escrituras nos quais confio. Escrevo para pastores, estudantes de teologia e membros de igreja instruídos que desejam ser fiéis ao evangelho como o povo de Deus.

Para acompanhar este livro, foi criada uma página na Internet que oferece mais recursos sobre a missão de Deus e a missão da igreja: [www.missionworldview.com](http://www.missionworldview.com). Outros recursos que podem ser úteis ao leitor também estão disponíveis

---

<sup>2</sup> Ver Craig G. Bartholomew; Michael W. Goheen, *The Drama of Scripture: Finding Our Place in the Biblical Story* (Grand Rapids: Baker Academic, 2004). Ver também Michael Goheen, "Continuing Steps toward a Missional Hermeneutic", *Fideles* 3 (2008): 49-99.

nas páginas [www.biblicaltheology.ca](http://www.biblicaltheology.ca), [www.genevasociety.org](http://www.genevasociety.org) e [www.alloflifere-deemed.co.uk/goheen.htm](http://www.alloflifere-deemed.co.uk/goheen.htm).

Resta-me no final deste prefácio agradecer aos que contribuíram de uma ou outra maneira com este livro. Penso primeiramente em dois homens cuja influência nesse assunto foi da maior importância, mas que agora estão com o Senhor: Lesslie Newbigin e George Vandervelde. Ocupo a Cátedra de Genebra de Estudos da Religião e Cosmovisão, que é regida por um conselho chamado Geneva Society [Sociedade de Genebra]; sou profundamente grato a esses homens e mulheres pelo tempo investido em dar direção ao meu trabalho. Generosamente me concederam um ano sabático integral em 2008, tempo em que grande parte deste livro foi escrita. Além da Geneva Society, sou grato a Pieter e Fran Vanderpol e à Oikodome Foundation [Fundação Oikodome] que, graças à contínua visão que têm em prol do aprofundamento do conhecimento cristão, financiam a Cátedra de Genebra. Jim Kinney e seus colegas da Baker Academic, como sempre, foram de grande ajuda. Agradeço à minha esposa Marnie, que sempre apoia o meu trabalho e sempre se envolve completamente nele junto comigo. Também sou grato pela parceria e, em alguns casos, amizade com que outros estudiosos, companheiros de viagem nessa mesma estrada, moldaram o meu pensamento por meio de conversas (às vezes de lugares distantes) e por escrito. Penso aqui em Darrell Guder, Jurgens Hendricks, George Hunsberger, David Kettle, Alan Roxburgh, Wilbert Shenk, Craig Van Gelder e Chris Wright. Diversas pessoas tomaram tempo para ler este manuscrito e ofereceram comentários úteis. David Fairchild e Drew Goodmanson, Kaleo Church, San Diego, Califórnia; Andrew Zantingh e Tim Sheridan, First Christian Reformed Church e New Hope Christian Reformed Church, Hamilton, Ontario; David Groen, New West Christian Reformed Church, Burnaby, British Columbia; Tyler Johnson, East Valley Bible Church, Phoenix, Arizona; Johannes Schouten, Nelson Avenue Church, Burnaby, British Columbia; Mark Glanville, Tregear Presbyterian Church, Sydney, Austrália; Howard McPhee, Springdale Christian Reformed Church, Bradford, Ontario; e George Hunsberger, Western Theological Seminary, Holland, Michigan. Eles ofereceram muitas sugestões valiosas que contribuíram para o livro. Infelizmente, não pude incluir algumas sugestões que tornariam este livro melhor por falta de tempo ou competência. É uma alegria poder mencionar ainda que David Groen e Mark Glanville não são apenas colegas pastores, mas também excelentes genros.

Quero expressar minha apreciação a Doug e Karey Loney. Doug tem sido um bom amigo e um colega inestimável que agora compartilhou generosamente seus dons ao escrever três livros. Tanto Doug como Karey leram o manuscrito

e, com seu trabalho de edição, me ajudaram a me expressar com mais clareza; o manuscrito ficou muito melhor por causa do trabalho sacrificial deles.

Tenho sido profundamente abençoado por fazer parte destas igrejas: First Christian Reformed Church em Hamilton, Ontario, e New West Christian Reformed Church em Burnaby, British Columbia. Servir e fazer parte dessas maravilhosas comunidades me ensinou muito sobre o que o Novo Testamento ensina sobre igreja. O amor e a generosidade de muitos nessas igrejas, bem como o compromisso com a missão de Deus no Canadá, têm me fortalecido.

Durante as últimas duas décadas e meia, tive o privilégio de trabalhar com vários excelentes colegas no ministério pastoral. Sou grato pelo que aprendi acerca da igreja missional com cada um desses homens. No meu primeiro pastorado, trabalhei por um curto período com Howard McPhee, que também foi um dos meus primeiros mentores e de quem aprendi muito, incluindo algo daquilo que significa pregar a Cristo. Durante meus sete anos em Hamilton, trabalhei com dois homens de grande talento, Andrew Zantingh e Tim Sheridan. Andrew possui um sentido aguçado sobre o significado que a missão tem para as estruturas, o culto, o discipulado, a liderança e, em geral, para a vida interna da igreja. A habilidade de Tim para compreender o contexto urbano, reconhecer suas necessidades, manter uma rede de contatos com propósitos diaconais e estabelecer unidade entre igrejas em favor da missão de Deus é um dom para a igreja. Em Burnaby, tem sido uma alegria trabalhar com David Groen, que está comprometido com a difícil tarefa de desenvolver ministérios para adolescentes, jovens e jovens adultos de maneira missional. Por um breve período, Deus proveu Peter Sinia, pastor e administrador talentoso, como meu colega em Burnaby, e mais recentemente comecei a desfrutar do coleguismo pastoral de outro pastor-coordenador que está comprometido com uma visão missional, Andrew Beunk. A esses caros e dedicados colegas pastorais, engajados no ministério de prover liderança a uma igreja missional, dedico este livro.



# A identidade e o papel da igreja

*História de quem? Quais imagens?*

## Por que a eclesiologia é tão importante

Imagine que não há paraíso [...]  
Você pode dizer que sou um sonhador  
Mas não sou o único  
Espero que um dia você se junte a nós  
E o mundo será como um só

Na sua icônica canção da década de 1970, John Lennon imagina um mundo melhor em que não há guerra, injustiça, contenda, miséria, desigualdade, ruína e dor que ele vê *neste* mundo. Ele anseia — pode-se ouvir o desejo ardente em sua voz — por um mundo de paz e justiça que “será como um só”, por uma “fraternidade dos seres humanos”, pelo fim da ganância e da fome, por pessoas que compartilham o mundo inteiro em paz e harmonia. Todas as barreiras ao *shalom* serão removidas, inclusive um cristianismo egoísta e que só pensa no além, outras religiões que promovem e sancionam a violência, e nações que sacrificam bilhões de dólares em armas ao ídolo da segurança garantida.

Lennon reconhece que, para que se torne realidade neste mundo, seu sonho não pode consistir em meras palavras e ideias: deve se tornar visível em uma comunidade, uma sociedade de pessoas que já “imaginam” como ele e estão dispostas a incorporar esse sonho, a dirigir sua vida a partir dele. Ao dizer “não sou o único”, Lennon se identifica de maneira explícita exatamente com este tipo de pessoa: o

movimento de contracultura dos anos 60 e 70, uma massa crescente de gente que (acredita ele) já começou a manifestar em sua vida a paz e a justiça pelas quais ele anseia. Ele convida outros a abraçar seu sonho e engrossar as fileiras daqueles que o vivem. Essa comunidade, da qual Lennon se vê fazendo parte, é um povo “venha-e-junte-se-a-nós” que, por suas palavras e vida, oferece uma alternativa atraente para a cultura violenta, gananciosa e egocêntrica dominante da época.

Com o distanciamento histórico, entretanto, sabemos que muitos daqueles que se identificaram com esse movimento contracultural — os hippies dos anos 60 e 70 — acabaram se tornando os “yuppies” dos anos 80, que rejeitaram o idealismo de sua juventude não conformista e abraçaram uma ideologia que priorizava a prosperidade acima de tudo. E sabemos o quanto essa ideologia tem se mostrado destrutiva em seus efeitos sobre a paz e a justiça globais. A visão de Lennon era um lindo sonho e uma nobre ambição; porém, se nunca houve esperança alguma de que ele pudesse se tornar realidade, parece cruel oferecê-lo como uma possibilidade.

O problema é que injustiça e egoísmo estão profundamente arraigados nos recônditos mais íntimos do coração humano. Os membros da jovem comunidade contracultural de quatro ou cinco décadas atrás não conseguiram incorporar a sonhada mudança porque, apesar de todas as suas boas intenções, a ganância e a ruína que eles abominavam estavam tão profundamente enraizadas em seus próprios corações quanto nas estruturas e instituições religiosas, militares e políticas — o “*establishment*” — que eles repudiavam. Consequentemente, apesar de toda sua percepção dos perigos da cosmovisão científica convencional que havia moldado a tecnocracia ocidental, o movimento contracultural da segunda metade do século 20 não foi e não poderia ser a vanguarda de uma nova humanidade que adotasse paz e justiça verdadeiras.<sup>1</sup> Eles simplesmente não tinham como chegar lá — tinham somente sonhos e boas intenções. Não *havia* comunidade que conseguisse viver o sonho de Lennon.

No entanto, certamente todos anseiam pelo tipo de mundo que Lennon descreve. Não é a igreja cristã que deve ser exatamente a espécie de sociedade com a qual os hippies dos dias de Lennon sonharam? O que fez Lennon considerar a “religião” propriamente dita — o que para ele certamente incluía a igreja cristã — um dos obstáculos para alcançar paz e justiça para todos? Na Europa do século 17, as longas e dispendiosas guerras entre facções rivais dentro da igreja cristã pareciam ter provado para muitos que a igreja nada mais tinha a oferecer a um mundo moderno: o cristianismo parecia abrir mão da oportunidade de trazer paz, justiça

---

<sup>1</sup> Theodore Roszak, *The Making of a Counterculture: Reflections on the Technocratic Society and Its Youthful Opposition* (Garden City, NY: Doubleday, 1969), 205.

e harmonia social. Desde então, a constante violência daqueles que identificam suas causas pelas religiões que professam — a violência evidente no terrorismo, no genocídio e em outras atrocidades como essas — apresenta um argumento convincente de que o nosso mundo não deveria buscar esperança na fé religiosa tradicional. E o desfile de falsos messias seculares durante os últimos séculos — ciência, tecnologia, educação, políticas liberais, economia de livre mercado entre outros — não proporcionou o mundo dourado prometido no século 18.<sup>2</sup> Portanto, muitas pessoas no nosso mundo deixaram de sonhar ou esperar por um mundo melhor, apesar da insistência de Lennon em que não desistissem — “é fácil se você tentar!”. Mas Lennon estava realmente certo a respeito de uma coisa: esses sonhos e esperanças são críveis somente se houver a vida de uma comunidade que já torna essas coisas visíveis aqui e agora na sua vida comunitária.

*Precisamente por isso a eclesiologia é tão importante!* Deus fez a promessa no início da história bíblica de que ele criaria exatamente esse novo mundo. Ele escolheu e formou uma comunidade para encarnar sua obra de cura no meio da história humana. Deveria ser um povo que realmente pudesse dizer “espero que um dia você se junte a nós” manifestando o conhecimento de Deus, a alegria, a retidão, a justiça e a paz desse novo mundo que um dia encheria a terra. Nessa comunidade, todos poderiam ver os princípios do tipo de mundo que Deus havia originalmente planejado na criação, e que ele ainda tinha em mente realizar por meio de sua obra redentora no final da história. Durante o período histórico do Antigo Testamento, Israel foi escolhido para ser essa comunidade, e a dádiva da lei e da sabedoria de Deus a Israel expressou um padrão de vida que tornaria palpável esse novo mundo no meio dos povos do antigo Oriente Próximo. Porém, o povo de Israel fracassou seguidamente na sua tarefa, não foi a comunidade exemplar que Deus havia pretendido, porque o velho mundo ainda governava seu coração.

Deus renovou continuamente o povo de Israel, mas através dos profetas prometeu que um dia agiria de maneira decisiva para finalmente renová-lo, tratar de seu pecado e convertê-lo em uma nova sociedade de pessoas restauradas. Ele o fez em Jesus, o Cristo, e pelo Espírito. E esta é a boa-nova: na cruz Deus obteve uma vitória decisiva sobre tudo que Lennon abominava. O novo mundo pelo qual ele ansiava começa na ressurreição. Jesus enviou seu recém reunido “Israel” (que logo incluiria os gentios), capacitado pelo Espírito, para o meio de culturas em todas as partes do mundo, como um sinal tangível e visível de que o novo mundo de Deus de fato estava se aproximando. As palavras e ações, a própria *vida* de cada um deles, bem como a vida comunitária dos seguidores de Jesus, afirmam: “Nós

---

<sup>2</sup> Ver Michael W. Goheen; Craig G. Bartholomew, *Living at the Crossroads: An Introduction to Christian Worldview* (Grand Rapids: Baker Academic, 2008), 103-6.

somos o prenúncio de um novo dia, de um novo mundo. Porque um dia o mundo realmente *viverá* como um só. Você não quer juntar-se a nós?”.

É por esse motivo que a igreja foi escolhida e experimentou o que é salvação. *Isso é quem nós somos.*

### **Eclesiologia e nossa identidade missional**

Essa maneira de compreender e expressar o papel e a identidade da igreja recebeu a designação “missional”. O termo, embora relativamente recente como uma descrição da igreja, é agora amplamente utilizado em muitas tradições confessionais. O emprego do termo “missional” inclui o superficial e o profundo, o que é cativo da cultura ao lado do que é ricamente bíblico. Mas a popularidade do conceito “missional” sugere que algo despertou uma reação favorável em muitos cristãos.

A terminologia associada à “missão” entre muitos cristãos ainda implica a ideia de *expansão* geográfica, uma atividade em um lugar distante baseada na iniciativa humana, pela qual as boas-novas são levadas aos que ainda não a ouviram. Em geral esse movimento é de um sentido só: do Ocidente para outras partes do mundo. Um missionário é um agente de expansão evangelística, e um campo missionário é qualquer área fora do Ocidente na qual essa atividade é realizada.

Eventos no final do século 20 tornaram obsoleta essa visão de missão. Talvez o mais importante desses desenvolvimentos tenha sido o crescimento dramático (em número de pessoas, vitalidade e visão missionária) da igreja do terceiro mundo e um declínio correspondente da igreja no Ocidente. A visão mais antiga de “missão” não se ajusta ao mundo do século 21. No entanto, isso não quer dizer que o projeto de levar as boas-novas aos de outras culturas que não a ouviram deva ser descartado. Na verdade, não deve mesmo! Porém, ser *missional* é mais do que isso.

A palavra “missional” é entendida de modo diferente quando é usada para descrever a natureza da igreja. Na sua melhor definição, “missional” descreve não uma *atividade* específica da igreja, mas a própria *essência e identidade* da igreja à medida que ela assume seu papel na história de Deus no contexto de sua cultura e participa na missão de Deus para o mundo. Este livro é uma tentativa de descrever “missão” como o papel e a identidade da igreja no contexto da história bíblica.

As imagens associadas à “missão” são uma representação apropriada daquilo que a igreja do século 21 deve ser por algumas razões. Primeira, “missão” capturou a imaginação de muitos porque a igreja ocidental historicamente tem sido tantas vezes um corpo introvertido preocupado principalmente com sua própria vida institucional e com questões internas. “Missão” nos faz lembrar que a igreja deve ser *orientada para o mundo*, existindo em favor dos outros. Missionários transculturais dos últimos séculos foram enviados com uma tarefa voltada primordialmente não a eles



## O ímpeto missional na narrativa bíblica

O corpo de literatura sobre a igreja missional está em constante crescimento, mas a palavra “missional” é com frequência definida de maneiras conflitantes, com pouco empenho em fundamentá-la firmemente nas Escrituras. Michael Goheen, orador dinâmico, autor e coautor de diversos livros, desembrulha a identidade missional da igreja ao investigar o papel para o qual o povo de Deus foi chamado a cumprir na história bíblica. Goheen mostra que a identidade da igreja pode ser entendida somente quando seu papel é articulado no contexto de toda a narrativa bíblica, não somente do Novo Testamento, mas também do Antigo. Ele também examina desdobramentos e implicações práticas, apresentando sugestões já testadas e aprovadas para as igrejas contemporâneas.

*Michael Goheen investiga com muita habilidade a coesão e os desdobramentos da grande história do povo de Deus na Bíblia, mostrando que em cada etapa o povo de Deus existe em favor da missão de Deus para todos os povos do mundo. Aqui está a profundidade bíblica necessária para a reflexão contemporânea da igreja sobre a sua identidade missional e sobre como colocá-la em prática.*

**Richard Bauckham**, Universidade de St. Andrews, Scotland; Ridley Hall, Cambridge

*Ancorado em toda a narrativa bíblica, este livro é uma apresentação de grande impacto dos elementos necessários para que uma igreja missional do século 21 seja “Luz para as Nações”. Persuasivo e convincente.*

**Gerald H. Anderson**, Overseas Ministries Study Center, New Haven, CT